

NOME: GILVANICE BARBOSA DA SILVA MUSIAL

TÍTULO: A LITERATURA COMO FONTE PARA O ESTUDO DA ESCOLA RURAL EM MINAS GERAIS NO FINAL DO SÉCULO XIX

AUTORES: GILVANICE BARBOSA DA SILVA MUSIAL, GILVANICE BARBOSA DA SILVA MUSIAL

PALAVRA CHAVE: Escola rural; literatura; história da educação

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades da literatura como fonte para o estudo da escola rural. A partir de uma pesquisa concluída pretendemos refletir sobre as possibilidades e os limites do uso da referida fonte para a apreensão das representações sobre os espaços sociais rurais, a escola rural e seus sujeitos em Minas Gerais no final do século XIX. O estudo está baseado, teórica e metodologicamente, nos pressupostos da História Cultural, em especial, na noção de representações de Roger Chartier. Para Nicolau Sevcenko (2003, p.286), as décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Essas mudanças foram registradas pela literatura; elas, sobretudo, transformaram-se em literatura. Nessa direção, diferentes historiadores, incluindo-se nesse grupo, os historiadores da educação, têm utilizado a literatura como fonte importante em suas pesquisas (WILLIAMS, 1989; GALVÃO, 1998; SEVCENKO, 2003; GOUVÊA, 2004). Assim, como podemos aprender o rural, a escola rural e seus sujeitos a partir dos textos literários? Segundo Ana Maria de O. Galvão; Antônio A. G. Batista (2009), "a apreensão do cotidiano escolar, como qualquer outra dimensão da realidade, é uma tarefa difícil. No entanto, há fontes que se revelam mais férteis para uma aproximação de sua reconstrução. As memórias, autobiografias e os romances constituem algumas delas" (p.34). Considerando essa afirmação, trabalhamos com quatro romances do escritor sabarense Avelino Fóscolo, romancista da virada do século XIX, que fez da literatura documento social. São eles: O Caboclo, A Capital, O Mestiço e Morro Velho. Eduardo Frieiro (1960) ressalta que "os romances de Avelino Fóscolo oferecem matéria de interesse para possíveis futuros estudiosos da vida social em Minas nos derradeiros anos do Império e primeiros da República" (p.35). Afirma ainda que, "como romancista naturalista, preocupado com a observação exata dos fatos", Avelino Fóscolo "apresentava a realidade tal como era, ou como lhe parecia ser" (p.37). Contudo, Galvão; Batista (2009) salientam que, ainda que a literatura apresente potencialidades, o trabalho com esse tipo de fonte implica a discussão de questões teórico-metodológicas. Como conciliar, então, história e ficção? Ao discutir sobre as relações entre passado e presente, bem como a respeito da distinção entre história e ficção, Roger Chartier (2009b) ressalta que, atualmente, muitas razões ofuscam a distinção entre história e ficção, segundo Chartier, tão clara. A primeira é o fato de se considerar que, em determinados momentos históricos, como afirma Greenblatt (1988), "algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado" (CHARTIER, 2009b, p.25). A segunda razão reside no fato de os escritores de textos literários se apoderarem não só do passado, mas, também, dos documentos e "das técnicas encarregadas de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica". Para Chartier, a literatura, "ao mobilizar os 'efeitos de realidade' que partilham o saber histórico e a invenção literária, mostra o parentesco que os vincula" (p.29). Finalmente, a última razão apontada pelo autor, a partir das contribuições de Eric Hobsbawm (1994), refere-se à necessidade de afirmação ou de justificação, no mundo contemporâneo, "de identidades construídas ou reconstruídas, e que não são todas nacionais, costuma inspirar uma reescrita do passado que deforma, esquece ou oculta as contribuições do saber histórico controlado" (p.30). Nesse sentido, Chartier afirma que, no momento "em que nossa relação com o passado está ameaçada pela forte tentação de criar histórias imaginadas ou imaginárias, é fundamental e urgente a reflexão sobre as condições que permitem sustentar um discurso como representação e explicação da realidade que foi" (p.31). Assim, considerando as reflexões de Chartier (2009b), tal como seus diálogos com Greenblatt (1988) e Hobsbawm (1994), tomo a literatura como uma produção social, como ressaltado por Galvão (1996). Apesar de manter como referência a realidade na qual foi produzida, a literatura guarda em si uma relação de não transparência, de opacidade, caracterizada pela própria reconstrução que realiza (GOUVÊA, 2004). Entendendo que o documento é uma construção e uma forma de determinada sociedade deixar um testemunho de uma época, alguns cuidados foram tomados ao utilizar a literatura como fonte, no interior da pesquisa. Uma delas foi explicitar, o mais possível, quem a produziu, em que condições o fez, atendendo a que interesses e em qual contexto literário. Em outras palavras, nesse processo, "torna-se importante a explicitação de quem fala e de onde fala, ou seja, do autor de sua obra e das características que marcaram o período literário em que se vincula" (GALVÃO, 1996, p.108).